

O êxito e o risco

O pacote de medidas antiinflacionárias adotado pelo atual governo logo após sua posse deverá refletir-se em um abrandamento da taxa de inflação em abril, podendo mesmo cair abaixo dos 8%, como prevê o Ministério da Fazenda. Esse nível pode, inclusive, manter-se por todo o segundo trimestre deste ano, mas parece pouco provável que, diante das pressões inflacionárias que continuam a existir, venha a resultar em taxas de inflação mais estáveis a médio prazo.

Essa observação, que parte do Departamento de Estudos Econômicos de um dos principais grupos varejistas do País, mostra o que pensam industriais e comerciantes a respeito do pacote. Embora reconheçam a eficácia a curto prazo das medidas tomadas, duvidam de que funcionem a termo mais longo — em especial, o controle de preços, por eles execrado.

Seu argumento é simples. As pressões inflacionárias, comprovadas por dados da Fundação Getúlio Vargas continuam a existir, por baixo da capa representada pela compressão dos reajustes. Assim, caso a política de controle seja mantida por muito tempo — acreditam os empresários —, causará uma série de distorções, das quais as principais serão:

a) Descompensação na indústria. O ajuste estrutural por que passa a economia brasileira implica elevações de custos diferenciados entre os diversos setores da indústria. A rigidez imposta pelo controle à estrutura de preços dificultaria esse ajuste.

b) Explosão do déficit público via estatais. Como a contenção do preço dos produtos das empresas estatais, bem como as tarifas de seus serviços, constitui pressuposto para o controle, caso mantida por muito tempo criará sérios problemas às finanças públicas, com o aumento de seu déficit. E se os reajustes vierem precisarão ser acompanhados por um afrouxamento também no setor privado.

c) Sumiço de certos produtos agrícolas. Com exceção do arroz (que subiu 251% nos últimos doze meses), os produtos agrícolas mais consumidos aumentaram menos que a inflação. E o caso do feijão (alta de 127% para o cariquinho), da soja (141%) e do milho (162%), bem como do frango (127%) e até da carne bovina (120%). Por isso, caso mantido o controle e, com ele, a impossibilidade de recomposição de custos, poderá ocorrer uma significativa redução da oferta agrícola na próxima safra.

Para fundamentar essa acusação, os industriais e comerciantes têm dados a mostrar. Por exemplo, em março, os preços industriais subiram, no atacado, nada menos do que 14,8%, o que representa a maior variação já apresentada por esse índice. Esse aumento, aliás, não constitui um processo restrito ao curto prazo, mas algo que tem raízes nos preços dos produtos industriais desde 1983 — e compensados agora, quando a economia mantém-se engrenada. Da mesma forma, os bens de produção revelaram, ainda em março, uma alta recorde de 17,2%. Tudo isso corroboraria a tese de que, por baixo da capa institucional, as pressões inflacionárias se avolumam, represas.

Na realidade, só dentro de algum tempo se saberá se os empresários têm mesmo razão. O controle determinado pelo governo abre margem para uma diferenciação. Tanto o reajuste dos custos fixos quanto o da faixa de lucro estão limitados a 80% da correção monetária (que, aliás, nos próximos dois meses deve ser superior à inflação real) mas por prazos diferentes. Enquanto o limite para os custos fixos vale por 90 dias, o imposto à margem de lucro é que tem duração maior, 180 dias. O custo financeiro não pode ser repassado ao produto final e os reajustes de preços decorrentes de aumentos salariais, além de só serem concedidos 30 dias após a elevação do item, encontram uma barreira nos 100% do INPC.

O problema está na acoplagem dessas medidas, destinadas ao controle dos preços, com a nova fórmula da correção monetária e cambial. O rombo previsto pelos empresários — e que decorre precisamente dessa acoplagem — começará pelas estatais. Com suas tarifas contidas e com dívidas em dólar a pagar, elas sentirão de imediato esse peso. Por isso mesmo é que dentro do próprio governo começam também a soar as campanhas de alarma.

EDUARDO BRITO